



Revista DN-MAIS, edição dominical do Diário de Notícias da Madeira, 15 de Junho de 2014.
Entrevista conduzida pela jornalista Paula Henriques

Escreveu na introdução do seu novo livro 'Portugal na Queda da Europa' "A mediocridade dos dirigentes políticos é o preço que se paga pela persistente preguiça cívica dos cidadãos". São os abstencionistas os principais responsáveis pela Europa actual no sentido de que os levaram ou deixaram governar?

Os abstencionistas são um sintoma da degradação da democracia representativa, não a sua causa. A nossa democracia foi-se adaptando ao crescente império da lógica de mercado. A ideia de espaço público como esfera de deliberação livre sobre o futuro comum deu lugar a uma espécie de leilão de promessas baseadas em futura despesa pública. Os cidadãos habituaram-se a ser tratados não como parte activa e soberana do contrato social, mas como consumidores de promessas. Nesta fase crítica, onde as expectativas dão lugar à desilusão, ou retomamos a cultura cívica republicana, ou corremos o risco de entrar num nihilismo político, que, invariavelmente antecede uma deriva para o autoritarismo. A democracia é frágil, e está em perigo.

Que leitura faz do aumento dos números da extrema-direita nas Europeias?

Uma reacção defensiva, muito perigosa, face aos erros da resposta à crise, cometidos por quem manda hoje na Europa (Berlim e Bruxelas). Julgo que a vitória da Frente Nacional, em França, e do UKIP, no Reino Unido, marcam um agravamento qualitativo da crise. Ela agora está no coração da Europa. O mais tardar em 2017, saberemos se Marine le Pen chegará ao Eliseu. Nesse caso será o fim da União Europeia.

Estamos perto do fim da União Europeia? Ou esse fim já teve lugar e as pessoas simplesmente ainda não perceberam?

A UE está num processo de degradação que eu designo por "queda". Ele começou em 1992 com a criação de uma UEM que é um dos mais colossais erros políticos da história mundial. Mas só a crise de 2007 fez soltar o veneno oculto dentro da moeda única. Desde essa data, as respostas acentuaram ainda mais o problema. Agora, ou saímos da crise, por cima, através do federalismo, ou saltamos para o abismo da desintegração. Infelizmente, as apostas, neste momento, são mais favoráveis para a segunda hipótese.

O que correu mal neste processo de construção?

Deixámos construir uma UEM com as regras mais ideologicamente neoliberais do mundo. Acabámos com a soberania monetária e cambial, deixando os Estados à mercê dos mercados financeiros (o artigo 123.º Tratado de Funcionamento da UE proíbe o BCE de comprar directamente a dívida dos Estados), e sem termos as condições políticas para suportar choques assimétricos (como se viu). Curiosamente, grandes presidentes do Bundesbank, nos anos 70 a 90, como Karl Blessing e Karl Otto Pöhl chamaram a atenção para a necessidade de ter uma união fiscal e orçamental, bem como um governo europeu com um orçamento razoável, para poder fazer transferências entre regiões mais ricas e mais pobres, antes de avançar para a moeda única. Tinham razão. Kohl, para garantir o seu lugar na história como o reunificador da Alemanha, aceitou a exigência de Mitterrand. O euro foi uma exigência francesa. Uma má ideia, na forma desastrada de que se revestiu...

É possível construir um projecto Europeu forte e coeso, com países com tanta diversidade, assimetrias e sobretudo com nações, habituadas a se governarem e não a serem governadas?

O euro foi apresentado como uma moeda que iria fazer a convergência real das economias através do respeito dos critérios de convergência nominal definidos no Pacto de Estabilidade e Crescimento de 1997 (limitando o défice, a dívida pública e a inflação). Mas, com os erros acima apontados, e sem uma democracia federal à escala europeia, que permita aos cidadãos arbitrarem os poderes dos governos nacionais (que continuarão a ter um maior orçamento e mais competências constitucionais), o que sucedeu foi o contrário: um aumento da divergência económica e um sentimento de alienação e impotência política, que faz crescer a hostilidade dos cidadãos contra uma Europa que se tornou opressiva e incompreensível.

“As possibilidades desta crise ter um desenlace trágico e tumultuoso parecem superar as possibilidades que militam a favor de uma solução positiva”. Perdeu a esperança num modelo mais justo? Qual seria?

O modelo justo é amplamente explicado no meu livro, sobretudo na quarta parte. Não cesso de repetir que existem soluções. Contudo, os dirigentes europeus recusam o federalismo do mesmo modo que algumas seitas religiosas preferem deixar morrer os seus filhos de anemia profunda do que autorizar transfusões de sangue. Nunca devemos subestimar a ignorância como actor histórico. E ela abunda, hoje, nas chancelarias europeias.

Porque é que a Europa é tão Alemanha?

Pelo seu peso económico e demográfico. E também por ter desenvolvido, desde 2000, com os governos de Gerhard Schröder, uma deliberada “desvalorização competitiva”, que fez baixar a procura interna (à custa da baixa de salários), e fez explodir as exportações, também para fora da Europa. Os excedentes alemães foram despejados pelos seus bancos como crédito nos países periféricos, criando o desequilíbrio de que padecemos. Que foi agravado porque a Alemanha tornou a austeridade em religião oficial da Zona Euro, com o Tratado Orçamental, que na prática é uma espécie de morte lenta para o projecto europeu.

Concorda que a Alemanha está a colher frutos de políticas passadas e que as actuais, de Angela Merkel, são tóxicas, mesmo para o seu país?

Uma Alemanha que veja o ocidente europeu afastar-se, como será o caso se a França sair do euro, será uma Alemanha mais pobre (pois cerca de 25% do seu PIB são exportações para a Zona Euro), mas sobretudo mais vulnerável estrategicamente. Sem o *limes* romano, Berlim será uma marionete nas mãos de uma Rússia que continua a ser um gigante militar.

Uma Alemanha economicamente mais fraca repercutir-se-ia numa Europa mais justa?

Não pretendo uma Alemanha fraca. Pelo contrário. A Europa precisa que todos os seus Estados-membros sejam fortes. O problema é que a actual política alemã exporta desemprego e pobreza para os países latinos, na medida em que se recusa a fazer as reformas que permitiriam o desenvolvimento sustentável da economia europeia no seu conjunto. Beneficiando tanto credores como devedores. A Alemanha recusa para a Europa aquilo que escolheu para si o federalismo. Não pode ser bom sinal...

Está nas mãos de quem fazer a mudança?

Cada cidadão europeu tem uma partícula de poder. Para o bem ou para o mal. É claro que os governos e as instituições, como é o caso do BCE, têm uma especial responsabilidade. Defendo que quem está em situação mais difícil deve erguer a sua voz e lutar pela mudança das regras do jogo. E isso significa que os governos de Lisboa a Paris, passando por Madrid e Roma têm de se unir em

torno de propostas comuns para defender uma Europa em que a economia sirva as pessoas, ao contrário do que ocorre hoje.

Passados estes anos, considera que Portugal cometeu um erro ao aderir à União Europeia?

Portugal não tem alternativa central à Europa, pois é um país europeu. Até Salazar, em 1962, pediu a adesão de Portugal à CEE. Só não entrámos porque De Gaulle se opôs. O que poderíamos ter feito, à luz da situação actual, seria não termos entrado na UEM. Teríamos hoje mais rapidez na recuperação da soberana monetária se tudo se desmoronou. Mas não é isso que eu defendo para a Europa.

Era possível ao país negociar uma posição mais favorável? Com que argumentos?

É sempre possível. Portugal deixou que muita coisa se passasse -- como a entrada da China da OMC e o alargamento a leste -- sem exigir contrapartidas.

É crítico em relação à forma como Portugal entrou no Euro. Era contra a adesão?

Não. Na altura acreditava que o que faltava no edifício poderia ter sido feito a seguir, em particular a união política, e a união fiscal e orçamental. Tudo na base de um grande acordo para uma Constituição Europeia. Por outro lado, também eu, na altura, não tinha literacia financeira suficiente para perceber as armadilhas da UEM.

Um referendo popular teria feito a diferença? Qual seria o resultado na sua opinião?

Teria permitido um debate para além dum âmbito muito limitado de uma parte da elite política e académica. E teria permitido repartir as responsabilidades que hoje podem ser assacadas a um número pequeno de pessoas. Só António Guterres assumiu a sua culpa nesse processo que designei de voluntarismo político.

Mesmo assim não defende a saída do euro, a não ser como última opção...

Com certeza. O que digo no livro é que a moeda única precisa de ser completada com uma união política, que garanta legitimidade constitucional, respondendo perante os eleitores europeus. Com uma burocracia anónima ao leme, ao serviço de uma potência que manda sem liderar (a Alemanha), o euro será mais um perigo do que um activo para o futuro da Europa.

Faria sentido actualmente uma União Europeia sem uma moeda única?

Neste momento voltar às moedas nacionais seria um processo ainda mais custoso ao nível de coordenação das políticas monetárias e financeiras, do que fazer as reformas federais que trariam a esperança e o emprego de volta à Zona Euro. Se o euro terminar será sempre desordenadamente, com pânico e furor. Será um *tsunami* sentido em todo o mundo. Por analogia com uma pasta dentífrica, podemos dizer que fazer o euro é mais fácil do que sair dele, tal como tirar pasta de dentro de uma bisnaga é infinitamente mais fácil do que voltar a colocar essa pasta lá dentro....

É aceitável que por exemplo a Inglaterra não tenha aderido ao Euro?

Mais aceitável do que a actual chantagem que o governo de Cameron faz com o referendo da saída da GB do euro.

A Inglaterra vai realizar um referendo em 2015 à permanência. O que acha que vai acontecer?

Neste momento os ventos para a saída parecem soprar com mais força, mas nada está decidido. Curiosamente, os banqueiros da City são os mais entusiasmados em continuar na UE. A Grã-Bretanha se sair da UE não tem para onde ir...Irá causar danos ao resto da União, mas sobretudo infligir um enorme sofrimento a si própria.

Que futuro vê para esta Europa?

É uma Europa em agonia lenta, caminhando como uma sonâmbula, até encontrar um obstáculo que a derrube de vez.

Quais são os principais riscos?

Continuamos com uma ameaça no sistema financeiro. Considero que esta união bancária em preparação é um “bluff”. Causa mais problemas do que os que pretende resolver. A dívida pública e privada continua a esmagar muitos países. E a subida das taxas de juro pode eclodir, de novo, a qualquer momento. As lutas sociais vão crescer e os riscos de regionalismo secessionista vão acentuar-se dentro de vários países. E agora temos a ameaça de um destes dias acordarmos com um governo de extrema-direita em França...

Portugal e outros países da periferia receberam apoios e ainda recebem. Houve e há um preço a pagar. Muito alto, na sua opinião?

Hoje Portugal é uma espécie de contribuinte líquido dos países mais ricos. O que pagamos em serviço de dívida suplanta em muito o que recebemos da União. Por isso, a divergência em relação à média comunitária está a aumentar, e não a descer.

É comum ouvir dizer que Portugal fez mau uso desse dinheiro. Concorda?

Concordo que houve muito dinheiro desperdiçado, mas é falso pensar que esse desperdício foi a causa da crise generalizada que nos afecta. Isso uma estória de fadas, e não uma explicação séria.

É crítico do Banco Central Europeu porque não actua como a Reserva Federal norte-americana?

Claro. O BCE é um banco central vesgo. Só está mandatado para combater a inflação, e não para promover o emprego e o desenvolvimento (como faz, e bem, a FED dos EUA). Se Mario Draghi não tivesse ido muito para além do seu mandato, a Zona Euro já seria história passada.

O Banco Central Europeu demorou a responder e a dar confiança aos mercados. A resposta foi a adequada? É preciso mudar também o Banco Central Europeu?

Sim. Se, por exemplo, o mecanismo OMT (de apoio ilimitado à dívida pública de Estados sob ataque especulativo), anunciado em Julho de 2012, tivesse sido avançado em inícios de 2011, Portugal não teria caído na alçada da “troika”. Há muito mais a reformar. O BCE pode ser a trave-mestra na reestruturação da dívida que oprime países como o nosso.

E o Banco de Portugal? Qual o papel e a responsabilidade nesta crise?

Tem uma importante missão de supervisão prudencial, no âmbito do Eurosistema (o conjunto formado pelo BCE com os bancos centrais da Zona Euro). Isso é bem visível com o atento governador Carlos Costa. Mas, quando as coisas se precipitaram, estava lá Vítor Constâncio. Uma pessoa íntegra, mas distraída e com uma visão fantasiosa da UEM, como se pode verificar nalguns dos seus mais lamentáveis discursos. É curioso que, no final, tenha sido “punido” com a importantíssima posição de n.º 2 do BCE...

A ideia de que a crise é do sistema financeiro e das dívidas soberanas é errada, escreveu. Foi o caminho mais fácil?

O que digo é que o endividamento dos Estados foi uma consequência e não uma causa da crise europeia. A causa está no mau desenho da arquitectura da Zona Euro. Esse desenho deixou o sistema financeiro, que na Europa é essencialmente bancário, à rédea solta. Os bancos que despejaram crédito barato, sem restrições, foram as correias de transmissão da crise, que se acentuou ainda mais na medida em que os Estados, tiveram depois de se endividar ainda mais para os salvar...

Não houve excesso de endividamento e de despesa por parte de entidades públicas e privadas?

Claro que houve. Mas isso só aconteceu porque no desenho da UEM só os Estados é que eram vistos como pecadores, quando na verdade o sistema financeiro é que – por não obedecer a nenhuma espécie de regulação

convincente – acabou por levar as empresas e as famílias a níveis gigantescos de endividamento. Países como a Irlanda e a Espanha tinham finanças públicas mais equilibradas do que a Alemanha. Foram lançados no torvelinho para salvar os seus bancos.

Os bancos deveriam ter sido deixados sós para lidar com as suas políticas e investimento e conseqüente falência, ou deveriam ter sido mais apoiados para que a crise não tivesse tido a repercussão que teve nas instituições financeiras?

Esse é um bom exemplo dos erros de construção da UEM. Deveríamos ter já uma união bancária, ao mesmo tempo da entrada em circulação do euro. Bastaria ter aprendido com a crise bancária dos EUA em 1933-34. Mas esta gente que manda em Bruxelas, Frankfurt e Berlim parece não ter memória nem vontade de aprender...

A Islândia deixou cair os bancos e começou quase do zero. Uma excepção?

A escala da Islândia e da UE não permitem comparações sérias.

Otmar Issing, primeiro economista-chefe do BCE numa entrevista ao Jornal Negócios nesta semana disse “Os nossos parceiros estão preocupados com a liderança alemã, mas não têm de se preocupar, pois vai perder-se”. Concorda?

Issing é um dos “génios” que nos trouxe a este pântano. É o principal arquitecto desta máquina de destruição maciça em que se transformou a Zona Euro. É um fanático do neoliberalismo alemão. Uma criatura insensível ao sofrimento dos outros. É um bom sinal que ele esteja a criticar o governo alemão. Significa que Merkel pode estar, finalmente, a aprender com a realidade.

Há alguma coisa positiva, a seu ver, na actual União Europeia?

O que eu critico na actual UE é o seu bloqueio às mudanças que poderão salvar a unidade europeia. Acredito que no mundo complexo onde já estamos e para onde iremos, com imensos desafios globais (segurança, energia, ambiente e alterações climáticas, globalização económica e financeira, etc.) os europeus só ganharão em estar juntos. Temos de preservar a escala europeia. Mas, ao lado

uns dos outros. Não, uns por cima dos outros, como acontece nesta Europa à deriva...

No seu livro cita Joaquim Miranda da Silva, militante do PCP que chamou a atenção para a natureza ideológica 'neoliberal' do desenho da UEM, que em vez de procurar "a convergência real das economias e dos níveis de vida dos cidadãos", ou "o investimento público e a criação de empregos", se limita a "combater a inflação". A Europa só vê números e regras monetaristas?

Críticas idênticas foram feitas por economistas do CDS-PP, na altura. O que sucede é que a UEM perdeu total contacto com os valores da gramática política em que se baseava o ideal da construção europeia. Nos critérios para entrar no euro, um país poderia ter pobreza, desigualdade, e desemprego em níveis astronómicos sem que isso fosse relevante, desde que o défice, a dívida e a inflação estivessem dentro dos limites fixados. Uma economia sem gente dentro. Um absurdo!

Três anos depois da troika, Portugal está melhor?

Infelizmente não. A maior prova do fracasso é que depois de 3 anos de angústia a dívida pública está mais alta e cresceu mais depressa do que nunca. O país está mais pobre. Mais dependente, mais vulnerável. Se e quando vier um novo choque externo o país entrará em incumprimento pois, sem mudança na Europa, esta dívida será impagável, como consta do Manifesto dos 74, de que fui subscritor.

A política de austeridade no país tem de continuar, ou pelo contrário?

Até para podermos cumprir as nossas obrigações para com os credores seria importante quebrar com a lógica da austeridade. Mas, com o Tratado orçamental em vigor isso será impossível.

Diz em 'Portugal na Queda da Europa' "o interesse comum não cai do céu por milagre. Necesita de ser encontrado nos consensos que só os diálogos informados, e em condições de perfeita igualdade, permitem construir". Há vontade e meios para esse diálogo?

Espero que sim. Mais do que nunca, depois do sinal vermelho das eleições europeias, precisamos de uma frente de países que negocie com seriedade, mas também com energia, a necessidade de Berlim mudar de rumo. Não se trata de enfrentar a Alemanha mas de a despertar para o facto de que a sua actual hegemonia ter pés de barro. Se a UE soçobrar, a Alemanha será um país onde não será agradável viver.

Quando é que começou a desacreditar no Projecto Europeu?

Eu acredito numa Europa que respeite os seus objectivos matriciais de manter a paz e defender os direitos humanos. Uma Europa que aceita o actual nível de desemprego, pobreza e desigualdade. Que oferece sacrifícios humanos no altar do sistema financeiro, e que coloca os Estados em rota de colisão uns contra os outros é um corpo doente. Atingido, como digo no livro, por uma patologia auto-imune.

Que pode o comum cidadão fazer para mudar o rumo da actual União Europeia?

Desde logo participar na vida política do seu próprio país. Podemos também influenciar a opinião europeia mantendo em aberto os nossos contactos com outros cidadãos europeus, através de ordens profissionais, ONG, sindicatos, associações, universidades, redes sociais. Como cidadãos devemos dar exemplo de uma solidariedade que escasseia entre os nossos governos.

E Durão Barroso, que análise faz ao seu trabalho na Comissão Europeia? Fez o suficiente?

Barroso teve uma fase feliz, entre 2007 e 2009, quando foi o rosto de uma Europa que se queria impor na cena internacional pela força do exemplo. Nessa altura, a UE era líder na procura de um acordo climático mundial baseado na ligação entre políticas de promoção de energia sustentável e defesa do clima. Nessa altura, aceitei um seu convite para dar um contributo. Fui testemunha do seu trabalho positivo. Infelizmente, quando a crise veio, Barroso esboçou críticas a Merkel, mas, pressionado, perdeu ânimo e aceitou que a Comissão Europeia se transformasse num obediente instrumento do que designo como “hegemonia defensiva” de Berlim. Se em 2012, ou 2013, Barroso tivesse apresentado a sua demissão, depois de uma intervenção no Parlamento Europeu, ele teria ficado na história da unidade europeia e seria, hoje, o mais forte candidato presidencial em Portugal. A falta de coragem também tem um preço.

O candidato de direita Jean-Claude Juncker, o social-democrata Martin Schulz ou outro para a presidência da Comissão Europeia?

Juncker deve ser o Presidente da CE, pois foi a sua família política que ganhou as eleições. Trair a promessa que foi feita aos eleitores seria dar mais um tiro num pé já cheio de feridas abertas.

Viriato Soromenho-Marques